

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

## FOLE-LORE PORTUGUEZ

### Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas  
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado da col. 88, vol. XII)

1704

O passeio municipal,  
No meio tem um junquillo;  
Anda agóra muito em moda  
Os aventaes do espartilho.

1705

Estes rapazes d'agora,  
Não querem uzár tamancos,  
Para guardarem o dinheiro,  
Para os chapeusinhos brancos,

1706

Muito me agrada a mim,  
O rapáz que é alveneu;  
Traz as pingas da cá  
Nas ábas do seu chapou.

1707

Ingrato porque motivo,  
Meu peito abandonas-te,  
E' tão grande a ingratidão  
Que nunca mais p'ra mim olhaste.

1708

Eu não quero ir á manda  
Que não sei cortar a eito;  
Mandem-me a fallar d'amor's  
Que para isso tenho eu geito.

1709

O' que circulo leva a lua,  
Lindo amor vamos a ver;  
Não ha sel que aparte a lua,  
Nem o nosso bem querer.

1710

Quem disser que uma saudade,  
Que não chega ao coração;  
Tòme amores, viva auzente,  
Saberá se chega ou não.

1711

Triste foi a minha sorte,  
Mais triste a minha ventura;  
Não sei onde tinha os olhos  
Quando olhei p'a tal figura.

1712

Algum dia por te ver  
Dava mil voltas no ar,  
Agora dava-as em dobro,  
Só p'ra te não encontrar.

1713

Ramalhete de flores,  
Que om meu peito trazia;  
A' vista dos meus amores,  
Perdem os mais a valia.

1714

Eu tenho um amor no Porto,  
Outro no cáes de Belem,  
Eu quero mais ao do Porto,  
Que o do cáes não me convem,

1715

Aldeia de Santa Eulalia,  
Terra de tanto almocreve,  
O' terra de mil diabos,  
Quem não tem chocalho não bebe.

1716

Mandas-te-me perguntar,  
Se eu ainda te queria bem,  
Mandei-te dizer que não,  
Para o não saber ninguém.

1717

Do centro do caramello,  
E' que nasce a neve pura;  
Quem é firme é desprezada,  
Quem é falsa tem ventura.

1718

Não quero nada, do nada,  
Que eu do nada-nada quero;  
Não queiras nada de mim,  
Que eu de tí nada espero.

1719

Haja lume, e haja lenha.  
Vão labaredas ao ar,  
Para mim quero quem tenha  
O juizo no seu logar.

1720

Pelo már abaixo vae,  
Pelo már acima vem;  
Uma grande marinheira,

Com o cabelo ao desdem.

1721

Quem me dera na cidade,  
A' sombra do mangerico;  
Pr'a contár ao meu amor,  
Coisas que me tem dito.

1722

Antonio foste o primeiro  
Que entraste no meu coração,  
Has-de ser o derradeiro,  
Que isso está na minha mão.

1723

Qual foi o valoroso homem,  
Qual seria o desentendido,  
Que me pediu a meu pae,  
Sem ter falado comigo.

1724

E' chegado, é chegado,  
E' chegado, não sei quem,  
Chegaram os teus olhos  
Aos meus que lhes querem bem.

1725

O' menina tenha assento,  
Como as areias do már;  
Que estes rapazes d'agora  
De pouco se vão gabar.

1726

Hoi-de escrever uma carta  
Pr'ó monte d'Amoreirinha;  
Com uma penna de pavão,  
E sangue d'uma Andorinha.

1727

Tinha sêdo, fui beber,  
Ao pégo de Vianna,  
Mais vale uma hora d'amor,  
Que o ganho d'uma semana.

1728

Viva a malta, viva a malta.  
Viva a malta do Adens,  
Viva a malta da Padeira,  
A da Amoreirinha tambem.

1729

Sapato que me não serve,  
A' borda d'agua o deixoi,  
E' como o amor que foi falso  
Nunca mais pr'a elle olhei.

1730

Cantador, atépa, atépa,  
Cantador da bogalhinha;  
Andas de funcção em funcção,  
Esta è tua, e aquella é minha.

1731

Chamaste-me cantador,  
Nem canto, nem Deus o permitta,  
O cantador não tem cápa,  
E eu rompo da melhor chita.

1732

Aperte-me a mão direita,  
Faça-me os dedos estalár;  
Que anda ahí uma sujeita,  
Que 'stá capaz de rebentar.

1733

Muito se querem dois primos,  
Mais se querem dois cunhados;  
Mais se querem dois amantes,  
Quando andam namorádos.

1734

Muito se querem dois primos  
O mesmo sangue os obriga,  
Mais se querem dois amantes,  
Haja quem me contradiga.

1735

Canta camarada, canta,  
Canta que ninguem te afronta  
Que esta minha espada corta,  
Dos côpos até á ponta.

1736

Canta camarada, canta,  
Meu camarada não canta,  
Comeu sardinha salgada,  
Ficou-lhe o sal na garganta.

1737

Se eu te vira bem casada,  
Que gosto teria eu,  
Vêjo-te mal empregada,  
Choro o meu mal, e o teu.

1738

Em Villa Real de Santo Antonio  
Mataram o meu amor,  
Com facas bem afiadas,  
O' quem seria o traidor.

1739

Ao pé d'uma deserta praia,  
Fui chorár a minha cautéla,  
Voio uma onda e disse:  
D'um ingrato o que se espera?

1740

Vá d'aposta, vá d'aposta,  
Quem mais quer ao seu amor;  
Vamos tirar a medida,  
Meu coração é traidor.

1741

A salsa è lealdade,  
Eu leal te tenho sido,  
Hei-de sel-o até á morte,  
Lindo amor, para contigo.

1742

Chapeu de meia moéda,  
Ninguem n'ó tem senão eu;  
Longe está quem me namora,  
E bem porto quem n'ó deu.

1743

O H, é uma letra,  
Que não entra nas vogaes,

Quero-te bem por vingança,  
Quero-te cada vez mais.

1744

O papel ao pé do lume,  
Com pouco calor tósta:

Quem vive em pouca vergonha  
Logo na cara o *demostra*.

1745

Quem tiver de ter amores  
Ha-de amar por dois modos,  
Por diante dar-lhe a vida,  
Por detraz tirár-lhe os olhos.

1746

O' ares da minha terra  
Vinde por aqui e levae-me,  
Que os ares de terra alheia  
Não querem senão matar-me.

1747

Trazes saias sobre saias,  
Unidinhas á cintura,  
Pareces filha d'um rei,  
Deus te dê boa ventura.

1748

Tem á porta uma latada  
Por cima cachos ferraes;  
Eu quero bem ás Marias  
Mas ás Annas não mais.

1749

Coitadinho de quem nasce,  
Pobrezinho de quem nasceu,  
N'este mundo sem ventura,  
Assim como nasci eu.

1750

Janellas avarandadas,  
Móra ahi algum doutor,  
Móra lá a minha sogra,  
Mae do meu lindo amor.

1751

Meu sogro é um viuvo,  
Minha sogra já morreu,  
Eu ando d'amores c'o filho  
Foi sorte que Deus me deu.

1752

Semcei salsa n'um vaso  
Nasceu-me pelas paredes,  
Quem escuta de si ouve,  
Que assim me acontece as vezes.

1753

Sou de nobre geração  
Dos meus não tive riqueza,  
Faço n'ella estimação,  
Fui croada com pobreza.

1754

A rua Direita é estreita,  
Toda feita a compassos,  
Qual será o venturoso  
Que te irá cahir nos braços?

1755

Se ouvires cantár os tristes,  
Não tens quo te admirar,  
Quantas vezes canta o triste,  
Com vontade de chorar.

1756

A Senhora está no nicho,  
Mais o Menino Jesus;  
Quem a Deus perde o respeito  
Falta-lhe a divina luz.

1757

Assentada reparei  
Que os dedos não são eguaes,  
Uns curtos, outros compridos,  
Uns menos, e outros mais.

1758

O' Maria, ó Maria,  
Que assim tarda, e mais João,  
Eu não sei que me adivinha  
O meu leal coração.

1759

Já lá vae minha valia,  
Já lá vae meu valimento,  
Por a minha pouca tyrannia  
Voltei as costas ao vento.

1760

Canta minha voz d'aujo,  
Que eu por aujo te tenho,  
Amar-te, e possuir-te  
Era esse o meu empenho.

1761

Venha o copo, venha a pinga,  
Venha mais meia canada,  
Que eu sem pinga não canto,  
Cantigas á minha amada.

1762

Chovam raios de toucinho,  
Scentêlhas de queije molle,  
Veuham quartilhos de vinho,  
Que este rapaz tudo engole.

1763

Encostei-me ao pecegueiro,  
Toda me entonteci,  
Vejo-me cheio de saudades,  
Por estar longe de ti.

1764

O cantár é para quem  
Tem o seu amor ao pé,  
Mas o meu que está lá longe,  
Cantar escuzado é.

1765

O cantar do peito cança  
O da cabeça allivia,  
Cante quem quizer cantár  
Que eu já fiz o que sabia.

1766

Sou das minas, sou das minas,

Sou das minas, sou mineiro,  
O' que bella rapariga  
Para mim, que sou solteiro.

1767

Quando eu tinha dinheiro  
Tinha amores, tinha tudo,  
Agora que não tenho nada  
Já não sou ninguem no mundo.

1768

Quero-te bem, quero, quero,  
Quero-te bem, acabar;  
Por causa da tua gente  
Não t'o dou a *demonstrar*.

1769

A violá tem seis cordas  
Pegadas ao cavallête,  
O tocador que a tóca,  
E' o meu ramilhete.

1770

Eu sou filha d'uma róza,  
Neta do cravo almirante;  
Sobrinha d'uma açucena  
Querida d'um diamante.

1771

A azeitona cordovil,  
Tem o carço riscado;  
Traz-me lá no teu sentido  
Que eu na memoria te trago.

1772

Heide pedir que mo enterrem,  
N'uma estrada seguida,  
Que digam os passágeiros:  
Aqui deu a triste vida.

1773

Adeus minhas saudades,  
Já você por cá não vem,  
Venha como vinha d'antes,  
Não se lhe dê de ninguem.

1774

A cadeia dos meus braços  
Alguem ha-de prender,  
Vou á serra armár o laço,  
Alguem ha-de cabir n'elle.

1775

Viva a malta trema a terra,  
Ninguem arreda d'aqui;  
Quem ha-de tomar a guerra  
Sendo homem com'mim.

1776

Nem meu páe nem minha mãe,  
Nem Santo Antonio bemdito;  
Mo tira do meu sentido  
O que o meu bem me tem dito.

1777

Da Amoreira a Arriaga,  
Venha de Beja o Elias;  
Peraltinhas da cidade,

Da Conceição, Zacarias.  
1778

Meu amor casa a teu gosto,  
Não te importe a tua gente.  
Vale mais pobreza alegre,  
Que riqueza tristemente.

1779

Minha sógra, minha sógra,  
Minha sógra é o diabo,  
Porque me dá o seu filho,  
Em mim mal empregado.

1780

Eu sou maltez de Cazóla,  
Comigo ninguem se metta,  
Tenho chapou á hespanhóla,  
Com vinte uma e agulhêta.

1781

Toma lá colchetes d'ouro,  
Acolcheta o vestidinho;  
O amor que é de nós ambos,  
Deve andar conchegadinho.

1782

Quem me vir de pau e manta,  
Lá do lado da Marteira;  
Sou carreteiro na Cochichola,  
Criado do José Caldeira.

1783

O' roza em tu morrendo  
Quem te há-de a mortalha dâr;  
No mais fechado botão  
Se ha-de a roza amortalhar.

1784

Debaixo d'agua está lódo,  
Debaixo do lódo o peixe;  
Emquanto o mundo fôr mundo  
Não reccics que eu te deixe.

1785

Bella roza encarnada  
Como tu nenhuma cheira,  
Por ti se salvam as almas,  
A minha seja a primeira.

1786

Embarquei no mar d'amores,  
Nas ondas vou navegando,  
Na maré d'esses teus olhos  
Se estão os meus reccendo.

1787

Cantigas de pé quebrado  
Não as canto a ninguem,  
Que eu sei os pontos quebrados  
De á noite p'la *manhem*.

1788

O' menina diga,  
Por sua bôcca o confesse,  
Se já teve n'este mundo  
Amor que mais lhe quizesse.

(Continua)